

A FACE ESCURA DA DEUSA



RomancesCDiaz

CLAUDIANNE DIAZ



RomancesCDiaz

Mais lenha na fogueira
As achas triscam nas brasas
O bom caldo fervilha em meio gargalhadas
Dedos de fadas com unhas de lobo
Engrossa e pulula no caldeirão
Potentilla Tormentilla, Nephalium loganum
Afagam no fogo o tempo, mas não o engano.
Falcatrua não fervilha em nenhuma estação
Volta e mexa e sirva à mesa!

Claudianne Diaz

A Face Escura da Deusa
A Noite Escura da Alma

Copyright ©2022 by *Claudianne Diaz*
All Rights Reserved.
Todos os Direitos Preservados

www.claudianneDiaz.com
www.cantinhodaescritora.com

Diagramação: Romancescdiaz
Produção e Capa: ©Depositphotos/ by Romancescdiaz
Ilustração: ©Depositphotos

Diaz, Claudianne 2022

A face escura da deusa – A noite escura da alma
— Contos – São Paulo/SP

Edição Bruxa
ISBN: 978-85-8197-864-2
Clube de Autores
1ª Edição

Romance; ficção e contos brasileiros
CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance: Literatura Brasileira B869

DIREITOS PRESERVADOS – É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos de autor (Lei Federal 9.610/1998) é crime previsto no art. 184 do Código Penal.



ROMANCECDIAZ adicionou o **SELO. EDIÇÃO BRUXA**
que será um seguimento inteiramente consagrado ao mundo das
bruxas. Um universo sobrenatural reerguido pelas alavancas do tempo e
que em nenhum momento, fora esquecido.



RomancesCDiaz

Você acha que vai pegar a raposa se correr?
Você tem que caçá-la para encontrá-la!

Catarina de Samo já

havia atravessado *oito rios*, descansava entre os carvalhos e acetinava com suas longas unhas o seu manto de lã, a qual fora coberta quando adentrou na sua mais profunda escuridão.

O recolhimento de seu corpo as entranhas da terra fora a mais dura lição de seu aprendizado e a espera que temORIZA o conhecimento.

Ao despertar daquele sopro, despertara o seu corpo etéreo nas cinzas do próprio tempo, não havia nada ali, não havia luz, não havia som. Caminhava solitária entre as árvores esquecidas pelas formas de estações, distorcida dos cheiros que faiscavam nos ares, um silêncio abrasador e incontestável.

Perambulava perdida e tentava se adaptar à nova fase de sua caminhada, não entendia como rosas secas se despregavam de sua pele, mas ao continuar a andar soube que estava no mundo do recolhimento, do abrigo, do refúgio, e aceitaria de fato, a sua nova forma

de *haver sentido* e se adaptaria para compreender.

Olhou para o céu e nada viu senão uma parte escura projetada acima das copas das imensas árvores secas. Mas, entendia que aquela forma de acomodação não calharia em estar ali sozinha, ela sabia que havia outros, mas não estava pronta para ouvi-los ou vê-los. E, nada mais poderia fazer, senão confiar.

Por um momento, um sussurro passou entre árvores e seguiu adiante. Virou-se rapidamente e viu que estava completamente sozinha na escuridão e sentiu que precisava se harmonizar com aquele mundo ou estaria parada fora do tempo.

Uma voz ressoou dando início ao seu silencioso refúgio, como se alguém desse o primeiro passo ao farfalhar de uma descaída quando uma criança tropeça e algum dos seus brinquedos de cordas estremece todo o ambiente. Surgindo uma mão autoritária para ajudá-la ou repreendê-la.

Havia uma bagunça em sua cabeça, uma confusão de sentidos sem sentido. Sem memórias, sem perspectiva *de* onde ou *para* onde seguir.

Entre as árvores voltaram as vozes sussurrantes, desta vez, clara. Uma voz envelhecida a chamava, as vogais entoavam ao longe e se perdiam vagamente. O milagre do

som fluía em sua cabeça e ela seguiu com alento a voz que enfeitadamente a fazia querer ir.

As pupilas dos seus olhos se abriram na escuridão, pois ali também havia as suas tonalidades, por mais que poderia chamar apenas de cinza e sombra. As águas balançavam as suas memórias. Lembrou-se de que havia que atravessar o último rio para que todas as suas lembranças fossem apagadas.

Por esse motivo, ainda não estava pronta para essa tarefa. Tinha o direito de reviver toda a sua vida em lembranças e quando se sentisse satisfeita, então, banharia no rio do esquecimento.

Toda vez que desejava algo, e quando esse desejo a possuía, floria parte das árvores mesclando a escuridão com a tonalidade de cinza e sombras.

Olhou para as suas mãos esqueléticas e notou que havia encarnado, mas o seu corpo não existia matéria. Não conseguia sentir o seu peso, apenas uma leveza que a fazia flutuar sob o chão.

Voltou o olhar para o espelho das águas e se surpreendeu. Ainda era muito jovem.

— *Como eu deixei o outro mundo me possuir desse jeito? — O que tinha dado errado? — Por que estou aqui?*

Havia milhares de perguntas em sua cabeça nas quais não preenchiam as lacunas. — Sou ainda muito jovem.

Sem querer e destemidamente suas mãos roçaram o seu abdômen. — *Tive um filho? — O que poderia ter acontecido?*

Sentia *tristeza, dor, sofrimento, angústia, consternação e luto*. Emanava emoções que a deixavam tonta e parecia que redemoinhos de ventos a circulavam rodopiando em espiral. Não conseguia compreender porque não conseguia se lembrar dos rostos das pessoas que poderiam ter amado. Não era justo.

Recusou a continuar a andar, seja para onde tivesse que ir. Por mais que a voz a chamasse, não daria mais nem um passo.

Seus cabelos refletiam três cores, marrom, vermelho e dourado. Consequia ver além do cinza e das sombras.

Seu vestido com um decote discreto em quadrado sobre o peito desnudando o pescoço. Longo e creme. O que não combinava nem um pouco os pés descalços.

Fechou os olhos para fazer na escuridão abrasador de sua alma e pôde sentir com exatidão a frieza do chão árido de terra, uma energia fria que empunhava em seus calcanhares e penetravam em seus ossos, se

ainda houvesse, mas sabia que toda aquela sensação vinha de suas memórias, de pensamentos que foram distribuídos na teia do tempo.

Seu corpo, mãos e pés regelados e de certa forma encarnado apenas na forma como a sua mente constituía. Depois de banhar-se no último rio todas aquelas formas se desapareceriam. Ela queria e tinha o direito de se sentir como era e foi feliz.

Passou a mão sobre o seu peito, na altura do coração e estupidamente nada sentiu. Apenas a sensação de ter entendido com sensatez o tipo de tecido na qual fora mantida para descer àquele lugar. Lembrava como se o *linho* do seu vestido fizesse a lembrar de que todos na cadeia do tempo estão integrados.

Subitamente se viu novamente passando a mão em seu ventre. — *Sim, eu tive um filho. — Queria ter a chance de ter me visto com a feição de uma velha.* Não havia vivido o suficiente, ou todo aquele mundo projetado tinha a engolido cedo demais e já estava ali por muito tempo.

Como se um espinho tivesse cravado em sua carne antes de ter partido, não conseguia se mover, por causa das lembranças que não a deixavam ir. Entendia agora que precisava se banhar no rio do esquecimento. Precisava ir.

Não havia formas para ela tivesse ficado ali parada dentro daquele tempo fora do tempo.

Suas mãos tornaram a ir no mesmo lugar, em seu ventre.

Naquele instante o rio a sua frente tinha se transformado em sangue. Suas mãos estavam encharcadas de um líquido viçoso e fétido. O odor tinha se instalado em todo aquele lugar e havia se tornado parte e impregnado de todas as coisas que antes havia tocado.

Seus olhos viam o horror que tinha se transformado e diante daquela cena terrível, bem no fundo de sua alma havia compaixão, uma sensação misericordiosa que repelia por todos os seus sentidos. O amor irrestrito que sentia ser extraído de sua alma era por algo maior, não por ela. Jamais fora por ela. Era um sentimento belo e desenfreado de afeição, de clemência, de comiseração.

Sua dor e laceração de alma não absorvia as unhas cravadas em sua forma de encarnada. Suas unhas haviam atravessado o vestido e ela sentia como se os seus dedos fossem extrair dela as memórias que havia perdido.

Seu maxilar travou-se, suas mãos e boca cerraram e ela deitou-se no chão frio aceitando desprotegida a sua nova fase de existência.

Dentro de outro tempo acordou.

Como se tivesse despertado de um sonho muito ruim, sentia náusea e dor. Seus olhos despertos pra outra realidade, desta vez inteiramente coloridos. Soube, não de imediato, que estava em seu quarto. O cheiro era diferente, o ar em seus pulmões, o coração batendo descompassado. Sentiu cansada a propósito. — Como era boa aquela sensação. Pensou.

Suas mãos tocaram o seu ventre mais uma vez.

O lençol branco de seda abaixo de um manto de lã, seu lado esquerdo da cama permanecia vazio. Levantou seu corpo vagarosamente, olhou em suas mãos encarnadas, moveu o lençol que ao friccionar com o ar poeiras de luz dissipou-se em uma densa camada de nuvem colorida que ia de sua cabeceira ao friso de luz intensa da janela.

Pôs os pés no chão, recolhendo-os imediatamente devido o gelo que sentiu subir incontestavelmente pelos calcanhares.

Mantinha os olhos fechados tentando assimilar o ambiente que naquele momento jazia. Suspirou aliviada por ter sentido o seu corpo, a sua gravidade no mundo, o cheiro da casa, suas mãos que receberam formas e que nesse momento, aflagava novamente seu ventre.

O silêncio da casa foi desperto por vozes que ainda se calhavam em sua mente, até

compreender que a voz era de sua sogra. Ao entrar subitamente em seu quarto e dizer que tinham que se apressar para a consulta.

— Aprese, querida. Ou vamos perder a consulta.

Ela ainda tentava imaginar do que se tratava.

A velha Beth olhou-a confusa.

— Está se sentindo bem, minha filha? —
Está com náusea? Não se preocupe, vai acostumar.

Sem devaneio, ficou ali parada.

— Você está me assustando, Catarina. —
O que está acontecendo com você?

Aproximou-se devagar, tirou a franja de sua testa e passou o dorso da mão.

— Não parece estar com febre.

Tudo parecia ser novo. Mas queria reagir.

— Desculpe, tive um sonho ruim, ainda estou acordando.

Inesperadamente Afonso entrou apressando-a docemente, mas com certo furor em seu rosto.

— Pegue o guarda-sol meu amor ou o chapéu. Ou terá as bochechas queimadas pelo calor interminável lá fora.

— Não sei o que aconteceu, meu filho. Ela não parece reagir.

— Levante-se Catarina! — Estou de saída, meu amor, minha mãe vai cuidar de você. Até mais tarde.

A voz ríspida a fez reagir imediatamente.

— Estou indo.

— Tome, coloque esse vestido.

— Por favor, me dê outro. — Me dê o vermelho, o chapéu cinza e a bolsa preta de mão.

A velha Beth olhou-a de forma estranha.

— Não pode usar cores tão intensas durante o dia. Você sabe que somos *damas* e não mulheres *vãs*. — Coloque o vestido creme e se apresse, o doutor não vai ficar esperando o dia inteiro. Sem dizer que da outra vez que fomos ele já tinha informado que o ar livre é melhor do que uma cama. Saindo e deixando-a com mais perguntas do que respostas.

Catarina estava perplexa com o que tinha que vestir. — *Não poderia usar a roupa que quisesse?* — *Que diabos estava acontecendo?*

Levantou-se rapidamente com uma dor intensa na barriga. Segurou fazendo uma careta. Foi ao armário e pegou o cabide que guardava pendurado um *tailleur* com um *plissé* pregueado branco. — *Será que eu não posso escolher o que quero vestir? — Sou de maior e até serei mãe.*

A porta se abria sempre de forma inoportuna, o que a deixou um pouco irritada. Não compreendendo o que poderia estar acontecendo e com os hormônios fluindo em seu corpo. Tudo parecia demais naquele novo cenário.

— Poderia bater antes de abrir?

A velha não dizia o que passava em sua cabeça a maioria das vezes, o que era muito mais difícil entendê-la. Às vezes, era uma mulher doce e às vezes, um fel. Queria que fosse apenas uma coisa ou outra. Ela nunca saberia em qual das partes estaria toda vez que se apresentava.

— Desculpe. É que o *Edilson* está aguardando e ele tem outros afazeres para o dia.

Catarina olhou-a desesperada. Sentou-se num baque.

— O que está acontecendo? — Não quer mesmo me dizer?

Beth tentava arrancar algo dela. Mas, agora ela sabia *onde* e em que *época* estava.

— Não posso dizer, sinto muito. Só me promete uma coisa.

— Sim.

— Cuide do meu filho.

— O que está dizendo?

A velha fazia o sinal da cruz por toda a extensão do peito.

— Se me dizer o que está passando em sua cabeça, talvez, eu posso ajudá-la.

— Olhe para mim.

— Estou olhando.

— Não parece que já viu essa cena?

— Um *dejavú*, então?

— Não é bem isso, mas, tudo bem. Não podemos mudar o nosso destino. Ele é o que é.

Pegou a bolsa, hesitou por um segundo. Voltou e trocou os sapatos e a bolsa. Trocou o chapéu por um *guarda-sol rosa acetinado*.

A velha continuava a olhar.

— Tive uma ideia, senhora Beth.

— Vai ao seu armário e troque de roupa. Sairemos em *vinete* minutos.

A velha Beth se ausentou, temendo o que poderia acontecer.

— Avise, por favor, o *Edilson* que nos espere no *portão oeste*.

Beth com medo do seu *dejavú* imediatamente saiu, acenando que ia cumprir a sua vontade.

Catarina ficou olhando no canto da janela até a velha Beth descer e falar com o homem que parecia nervoso em seu *Ford bigode branco*.

Não demorou para que ela avistasse a sua sogra gesticular o lado *oeste da casa*.

Ela segurou a cortina rendada até que o homem entrou e seguiu. Esperou a velha subir a escada principal da área norte e aguardou até que o seu coração não suportou mais a espera. Uma voz soava dentro de sua mente. — *Vai!*

Olhou toda a extensão do ambiente e alterou a cena do que antes vira, quando despertou.

Abriu a porta vagorosamente e lentamente passou por um enorme corredor que seguia direto para a ala norte. *Ao oeste da casa* havia uma *castanheira* que bloqueava a vista ao portão principal. Desceu quieta e arisca. Talvez, os empregados da casa não a visse. Pediu a Deus que não fosse vista.

— Sinto muito, mas terei que partir, e não sei para onde, nesse momento. Mas, não será ao consultório.

Conseguiu se aproximar do portão. Ao abrir, percebeu que a liberdade a tomou de uma forma que nunca a preencheu daquele feitio. Ela precisava correr, o mais rápido possível, ir para longe, o mais longe possível dali.

O dia ainda permanecia colorido, mas em seu coração a luz tinha se apagado pelo desespero.

Seu cabelo de três cores coloria os seus dias de trevas. Há várias noites o pesadelo a fez descer ao inferno viva e tudo que poderia pensar a respeito, sobre aquele assunto em questão, era de que a sua vida corria perigo. E, ela já tinha visto tudo que não precisava ver.

Parecia que durante o dia estava viva para fugir do seu tenebroso futuro que a cercava. Durante a noite perdia a luta por sua fuga e se entregava aos confins do inferno e da morte.

Mas, enquanto podia correr, correria para salvar a sua vida e a vida do seu filho. Existia uma vida que dependia de sua força e das suas escolhas. E, ela gostaria que tivesse feito a escolha certa.

Desesperada e já distante dali, procurou um lugar na qual poderia ficar quieta e só depois de anoitecer sairia novamente para ir mais longe. Desta vez, não ia adormecer. Ia continuar a sua fuga. Seja por onde fosse. Conhecia uma amiga da cidade vizinha. Nunca

tinha a mencionado, ninguém sabia dela. Assim, como ela, seguiam a *antiga religião* secretamente. E, se soubessem, poderiam puni-las.

Novamente, algo em sua carne a cravava como se o espinho a tivesse atravessado em sua alma. Havia lapsos de lembranças com pedaços de memórias vazias. O espinho cravado parecia ir mais fundo em sua alma. — *Quando foi que eu desejei ser mãe, estava pronta? — Foi algo que eu quis ou eu fugia da minha própria realidade? — Por que eu tinha medo? — E do que exatamente aquele medo tinha me causado?*

Havia mais perguntas que pudessem ser respondidas, e não havia tanto tempo. Poderiam estar à procura de uma mulher recém grávida com um *guarda-sol acetinado rosa*.

Ela não poderia falhar. Tinha que deixar tudo na qual fora vista. Poderiam retrata-la à polícia. Ainda bem que foi esperta o bastante para ter colocado outra camada de roupa por baixo.

A porta bateu distante.

— Como conseguiu chegar aqui?

Catarina ficou a olhando com aquela pergunta tola.

— Como assim, somos amigas. Ainda sei onde mora, lembra?

— Não é isso que estou dizendo, entre.

— E o que poderia ser *Maria*? — Todos estão me deixando louca. Não sei mais o que fazer, não sei para onde ir, não sei desde quando decidi ser mãe e também não sei mais *quem* eu sou.

— Basta!

Parada diante dela estava uma jovem aflita.

— Me ajude, por favor. Só preciso entender.

— Vamos. Você vai entender. Mas, adianto que foi a sua escolha, não a minha.

Novamente ela sentiu se regelar desde os calcanhares.

Maria entrou por uma porta que estava escondida atrás dos armários da biblioteca.

Tudo pareceu ser a primeira vez que de alguma forma estava adentrando num mundo desconhecido.

— Onde está me levando?

Maria olhou-a desinteressada e se pôs a puxa-la pelas mãos.

— Venha, não seja boba, minha querida.

Passaram por uma ala subterrânea e depois a escuridão iniciava e se tornava mais densa até que abruptamente seus pés travaram.

— Ande.

Andaram apalpando as paredes gélidas de pedra e uma pequena luz se projetava de um enorme altar.

Havia um anel de pessoas congelada pelo tempo.

Catarina soltou-se da sua mão e andava em círculo, olhando todos os rostos familiares. Mas, naquele tempo em que despertara, àquelas pessoas adormeceram em seus rituais. E, como se uma mão poderosa tivesse as levado para fora daquele tempo. Não conseguia compreender por que ela e sua amiga não permaneciam no círculo.

Olhou novamente, procurando Maria e se viu completamente sozinha naquele mundo. Um universo estranho e forasteiro para o seu tipo de consciência instantânea. As paredes gélidas fizeram a lembrar de que o frio estranhamente familiar comprimia parte de sua memória, advertindo-a sua descida ao universo de algo ou de alguém quem a tinha invocado.

Olhou para si e viu que devidamente tinha adormecido. Cometera mais uma vez o erro de não possuir a virtude da paciência e se pôs a cravar a unha em sua pele, como se aquela

cena fosse tão familiar. Instintivamente todo o caminho antes reformulado era mais uma vez os mesmos caminhos antes percorridos, a teia do tempo não desintegrava de seus emaranhados de linhas.

Andou vagamente em círculos na densa escuridão e deitou-se com as unhas cravada em sua carne. Novamente sentiu o maxilar travar e seu corpo regelar do chão árido e frio.

Uma nuvem passou carregada de água e o tempo se arrastou por trás das nebulosas fontes de raios que se dissipavam do entardecer.

Abriu os olhos e como se esperasse a terceira dimensão. Não sentiu nada. Apenas estava deitada num chão quente de verão. O calor lhe trouxe segurança. Não sabia *porquê*, mas, aquela palavra antes dita em algum lugar parecia lhe trazer segurança, embora não tivesse sentido realmente o calor entrar em sua pele. Desta vez, conseguia sentir a vida que emanava do sol. Talvez, tivesse adormecido no chão daquela praia solitária e tivesse sonhado com muitas coisas.

Absorveu ar. Desta vez, realmente as memórias traziam lembranças quase sentidas, mas que de alguma forma, era diferente.

Sua mente vagava no horizonte despreocupada. A água tinha o seu som, o ar tinha a sua temperatura, o mundo vibrava. Com

as mãos jogada nos joelhos, notara uma marca em seu punho. Uma fagulha de dúvida tilintava e uma pontada de inquietação de *onde* estava e *quem* havia se esquecido.

— *Mamãe!*

Subitamente ela olhou para trás.

— *Mamãe!*

Uma criança de mais ou menos três anos a chamava.

— Meu filho!

— Onde está Beth? — Eu o havia deixado com ela. — Como está brincando sozinho na areia?

— Vovó!

O dedinho apontava.

Catarina viu a velha Beth com o seu marido.

— *Devo estar ficando louca. De tempos em tempos acordo e como se uma droga tomasse conta de mim, desperto novamente.*

As vagas memórias estavam deixando-a pavorosa. De alguma forma teria que procurar um especialista e se medicar. Talvez, ela estava fora de sua realidade ou alguém poderia estar a drogando.

O dedinho do menino ainda apontava.

— Eu já vi, meu amor a vovó e o papai.

O beicinho de choro iniciara quando a corda de um brinquedo soava ao longe. O som de um trenzinho no trilho. Catarina olhou para o outro lado com o filho no colo num choro mudo.

E as duas cenas a deixaram obsoleta.

O resto da tarde tinha se esvaído do horizonte. A velha Beth ainda se mantinha distante com o seu marido e ela resolveu andar sob a areia que afundava em seus pés.

O som do brinquedo ainda ressoava em sua mente.

— Que diabos esse brinquedo não desliga. Olhou e notou que por mais que andasse as duas pessoas que conheciam ainda se mantinham distante. Agachou-se e pôs o seu filho no chão ajoelhando-se diante dele. Como era perfeito. Seu coração estava impregnado de amor e doçura, abraçou-o e como se o abraço fosse um laço de eternidade, nunca mais queria soltá-lo. Pareceu que a única coisa que a fazia voltar entre os elos do tempo era aquele amor desinteressado, inexplicável, misterioso e doloroso ao mesmo tempo.

Precisava ir de uma vez, mas não conseguia.

Fechou os olhos e nada mais sentiu.

O cenário tinha desaparecido. A criança também, como se aquele sentimento tivesse varrido para longe a tarde quente de verão, a areia em seus pés, o seu filho amado.

— *Filho!* — *Meu amado filho!*

Sua voz saía rouca, dolorosamente rouca. Como se tivesse apunhalado, a dor que sentia ainda cravada em sua alma dilacerava-a por dentro e por fora.

— *Como pode me punir dessa forma? — por que?*

O choro trouxe reflexão pela primeira vez.

A sua angustia a tinha despedaçado.

Uma voz saiu detrás de uma enorme pedra, parecido como um sarcófago. Havia uma voz lá dentro, que dizia, *volte!*

— Não posso! Replicou!

— Já perdi tudo que possuía, não temo mais a morte, seja *quem* você for.

— Não sou a morte, mas o refúgio dela.
— Não entre aqui! — Afaste-se! — Afaste-se!

— Eu não posso! Não tenho mais medo. Eu preciso ir, ou não poderei continuar a minha jornada pelo mundo da qual eu habito. Reconheço os meus erros, encarei o meu maior medo e bravamente deixo os que eu não posso

levar. É com amor, deixe-me partir, para que eles vivam.

Uma voz forte e poderosa surgiu em seus ouvidos.

O eco do choro na qual antes chorava, mas num som grave.

— Meu amor!

Debruçado em seu colo estava o seu marido numa maca de hospital.

A dor intensa no ventre, como se a dor fosse atravessá-la ao meio. A cabeça doía, as mãos frias e inertes envolvidas ao calor das mãos de *Afonso Brandon*. O friso de luz que entrava pelo canto dos olhos podia ver uma velha senhora segurando um lindo menino. Uma força inexplicável tomou o seu corpo e ela arfou ar tentando se levantar.

— Acalme-se, querida. Disse uma enfermeira bonita de cabelos escuros.

— *Eu sou Maria*. Cuidei de você por *toda a semana*. Desde que entrou em sono profundo quando deu à luz.

Um choro abalou todos e em soluços a criança agarrou-a puxando os lençóis brancos e subiu para beijá-la.

— Mamãe!

Catarina lembrou perfeitamente da voz que a chamou na areia da praia. A voz que jamais poderia esquecer, a voz de um filho. Ele estava impregnado nela, saiu de sua entranha, e como se o elo daquele abraço antes dado tivesse o poder mágico de tê-la trazido de volta para casa. Ele a trouxe.

— Meu filho querido!

Uma voz balbuciada forçadamente arrancada de suas cordas vocais.

O mesmo rosto visto dentro dos seus sonhos. A força inabalável da teia da vida que a fez percorrer todo o caminho de volta.

A enfermeira chorava, o seu marido chorava, a sua sogra chorava. O seu filho agarrado em seu peito tentando dizer o quanto estava aflito, com medo, e naquele momento, a sua segurança e o seu porto seguro surgiram ali para protegê-lo.

Maria ajudou-a se levantar devidamente. Pediu para o médico a avaliar para deixa-la ir para casa, o seu lar.

Suas pernas estavam travadas, seus olhos doíam pelo brilho de fora das enormes janelas. Durante o sono profundo em que esteve, ainda não conseguia assimilar se poderia permitir a realidade fora dos sonhos. Se tudo aquilo realmente era verdade.

A mais dura lição que sofreu parecia estar sendo aliviada, não sabia por *quem*, mas aquela sensação de conforto era o que precisava.

Desceu no fundo do inconsciente, do outro lado, onde as almas se rastejam para se lamentar ou se alardear de suas graças.

Ela sabia que fora bem fundo, mas não havia passado por todos os rios. Havia se lembrado de um fragmento, *oito*.

Os olhos deixavam-na despertas por uma realidade fora do corpo por várias vezes. — *Seria um sonho? — Ainda permanecia enfiada no submundo?*

Tinha que descobrir se quando acordou no *primeiro plano* deixara algo importante, ou se tivesse feito algum ritual *sem* a permissão dos deuses, talvez, fosse condenada a ficar vagando entre mundos. Poderia possuir algo na qual deixara um portal aberto e esse *objeto* ou *coisa* ou *estado de consciência* tivesse amaldiçoado todos ao seu redor tornando os seus entes queridos a participarem dessa roda infernal.

Mas o que poderia conhecer sobre essa roda infernal, se a própria conjuntura da palavra não lhe caía bem.

Naquele momento, ela sabia que o nome *Maria* lhe soava uma volta de seu sono. Mas, ela

a levou onde havia um círculo de pessoas nas quais ainda permaneciam do outro lado. — *Seria possível, que não conseguiria mais distinguir a realidade da fantasia? — Estaria ficando louca?*

Maria tinha chamado o médico para avaliar se ela estava pronta para ir, depois que acordou do coma profundo. Soava assim, pelos enfermeiros.

Estava tão fraca e inapta a qualquer movimento, isso, poderia ser uma forma de realidade. Mas, já sentira tantas outras coisas em outras camadas do sono que não confiava mais em seus olhos.

A pessoa que esperava parecia demorar mais que o natural, essa pessoa diria se estava pronta para ir.

Queria fazer parte daquele cenário que a chamava depois de tantas decepções. A criança agarrada em seu peito pareceu que não desgrudaria mais e a felicidade que sentia era imensa. Toda a angústia que sentiu naquele mundo, o medo, o pavor de ter que fugir desaparecera. Aquele momento era único, era a forma mais sutil e tênue que encontrara por toda a sua vida.

Finalmente, o médico bateu na porta que ficava ao lado esquerdo de sua cama. As batidas na porta pareceram atravessá-la e os ecos soavam intensamente num som acoplado.

Antes, densos, depois, abocado como se o som fosse de um martelo.

Debilmente levantou a mão para esticar por cima e chegar em sua tâmara. Os olhos semicerrados abriram pelo efeito da dor.

Implacavelmente se encontrava num caixão. Posta ali como um ser vivo. Todos os seus sentidos aflorados, o desespero a tomou profundamente. — *Onde foi parar aquele cenário de amor e júbilo?* — *Onde estão todos?* — *Onde está o meu filho?*

Por um momento, durante o seu desespero pensou enquanto a vida pudesse emanar do lado oposto, ela sabia que ambas, a vida ou a morte eram poderosos. A força das coisas e a intensidade eram enérgicos e tão profundos, enraizados em todas as formas de consciência, de acordo, ou desacordo em organizar a estrutura de vida ou de morte. Tanto o brotar quanto a putrefação são partes do seio de uma história.

Queria compreender o que fez para ter de acordar em níveis diferentes. Queria compreender se havia morrido. Qual seria o preço por seus erros enquanto encarnada.

A escuridão a tomou bravamente e o silêncio eterno selado em seus ouvidos.

Nada, absolutamente nada poderia amedronta-la, o medo mais profundo tinha

tocado em uma das linhas em que a teia de pensamentos pudesse torna-la uma louca.

Não havia o que fazer naquele pequeno espaço reservado a ela. As mãos subjacentes amparadas sobre uma alta base de tecido que se levantava como uma montanha.

Inexplicavelmente ela tentou apalpar e percebeu que era a sua barriga. — *Como isso é possível? — Preciso acordar, preciso sair daqui?*

Clamava poderosamente por tudo que acreditava.

Num piscar de olhos todo o seu ventre se remexia, algo queria sair bravamente, sem apreço, sem rodeios, a força que a forçava era instintivamente muito além do que pudesse imaginar, e talvez, nem precisasse estar viva. Algo saía de dentro dela em um lugar que mal cabia ela mesma.

Espremida entre a fria madeira, calculosamente e estranhamente um som projetou em seu ouvido e todo o silêncio fora interrompido, ao mesmo tempo que a luz a cegou. Como se mãos tirassem de dentro daquele buraco negro e ela tivesse nascido outra vez.

Sons de metais cavando, martelos tilintando, choros e risadas foram dispersos no ar, enquanto a chuva intensa caía entre as

paredes ruidosas do fundo, deixavam escapar fluídos de lama sobre o seu rosto. Mas, a barriga havia murchado como uma flor no deserto. O choro destemido daquela criança a salvou. E, por mais que quisesse abraça-lo tiraram dela tão rapidamente como a colocaram naquela cova.

Seu corpo destroçado pela amargura e por um amor estranhamente forte a conectou com aquela criança. Era seu, deviam deixa-la abraçar. Era seu, devia deixarem dar um beijo, amar e cuidar.

Uma voz soava firme no alto como se a ordenasse ir. Olhou para todos os lados procurando *quem* a chamava.

E, todo o cenário antes montado de amargura e amor tinham desaparecido.

Ela o amava, ela o amou desde que vivia em seu ventre, ela o tinha deixado ir por ter amado e por amor ela iria deixa-lo.

Naquele instante, águas brotaram do chão numa cena friamente branca. Não havia som, nada, apenas a água que deslizava cintilante abaixo.

Ela esperou o convite para banhar-se no último rio, o rio do esquecimento. Tinha que partir, prometeu deixá-los, para que vivessem. Nada devia levar, nem as suas lembranças, as memórias não a deixavam ir.

E, sobretudo, partiria no momento em que a chamassem, queria salvar-se das lições mais dolorosas da vida e da morte. Não mais perambularia nos *dois mundos*, queria ter paz.

O andar até as águas foi destemido e nada a faria recuar, era preciso. Sabia que depois disso, adormeceria para sempre, só haveria a última cena em seu paraíso ou em seu inferno.

Relegando todos os apetrechos das quais fizeram-na ficar entre os elos da vida e da morte, gostaria do fundo de sua alma um punhado de paz e descansar no seio de *quem* o abraçara tão bravamente, a *morte*.

Seus pés alcançaram as águas e naquele momento sentiu o frio congelar até os ossos. Pela primeira vez, o frio espantara a fé que tinha depositado em seu coração. Talvez, o que a esperava fosse realmente o inferno e não o paraíso.

Teimosamente adentrou nas águas. Não poderia mais voltar, uma vez ter decidido, jamais voltaria, alei daquele mundo entrava em seu cerne. Ela a conhecia, pareceu que por milhares de anos ou vidas já havia descido o seu inferno.

Bravamente aceitou o seu destino. E, mergulhada nas profundezas das águas abriu os olhos.

Um redemoinho de memórias passou-se fazendo a rodopiar em seu regresso ao outro ventre. Ao ventre da qual tudo havia iniciado, como se o seu próprio cordão umbilical a tivesse empurrado de volta ao primeiro ventre. Ao ventre universal de todas as mães. Via a sua mãe como um *cordel* que saía de outros *cordéis* e outros. Até que o seu próprio entrava estreitamente por ele viajando no tempo. Quando terminava um, iniciava outro e outro. Os *nós* faziam-na mergulhar mais profundamente até que o escuro total nada mais podia atenuar.

O seu cordão a puxava para a sua origem. Como se a razão da vida a tivesse colocado numa geometria sagrada, uma pirâmide. Estreitamente levada aos ímpares e pares até se conectar ao um único cordão. A viagem a fazia lembrar de todas as suas vidas e depois de mergulhar por eles ia apagando de sua memória como se um dedo fosse deletando tudo. A sua origem precisava apenas de uma única fagulha de energia, nada mais.

Toda aquela energia poderia durar *dias* em seu plano. A energia na qual transcendeu em seu corpo e exalou dando à luz.

A matemática da vida é perfeita, abstrusa, mas perfeita. Mergulhada profundamente na nona casa estaria liberta de seu plano carnal, mas não da roda da vida complexa.

A completude da vida quando a fez surgir, não anulá-la-ia. Ela já era parte de todo o sistema universal.

Estigmatizada pelos horrores de sua própria mente, ela carregava algo muito forte, a memória de ser mãe. Nada apagaria, nem mesmo a morte, a fagulha de energia que ela deixou no espaço-tempo. Alguém no mundo havia herdado e esticado a sua memória para fora dos mundos. Mas, ali permaneceria. Ela já havia andado por muitas vidas e quando o seu gene másculo a carregou deixaria de semear. Libertar-se-ia dos mundos, mas não iria mais longe. Apenas quando o seu filho tivesse filhos e quando nascesse *uma mulher*. Ela retornaria, não encarnada, mas na memória.

Daquele ponto em diante, estaria adormecida no seio de sua origem. No seio de sua mãe universal.

Suas mãos e seu corpo desfragmentaram e como milhares de pontos de luz dissiparam-se.

— Pegue uma toalha, vovó.

— Tome! — Dê-me ela.

Com muito cuidado, *Joaquim Brandon* passou a sua filha *recém-nascida* à velha Beth.

Chorosamente a criança alarmava alguma anomalia.

A *velha Beth* dizia ao seu neto que a sua mãe foi uma mulher valente. Provavelmente *Amélia* havia herdado a força de *Catarina*.

— Queria ter conhecido a minha mãe!

A velha Beth sorriu.

No dia que a sua mãe foi ferida ela lutava para se manter nesse mundo, possivelmente passou por ela entre os mundos. Ela esperou até que estivesse forte o suficiente.

— O que aconteceu com ela? O meu pai nunca dissera o que houve, por mais que eu implore para ele dizer. Sempre tenho sonhos com um lugar deserto, não existe nada lá, eu fico parado e nada acontece. É horrível ter de esperar *sabe lá o quê*.

— Quer mesmo saber?

— Eu preciso saber. Disse implacavelmente.

— Na última semana de gravidez de sua mãe, ela se preparava para ir ao médico. Eu ia com ela. Pedi ao motorista que esperasse no carro. Nós saímos e ao voltar ela queria passar em uma loja para terminar de comprar as coisas

para o seu quarto. Eu fiquei em casa e ela foi com o motorista.

A velha hesitou.

— Diz, por favor!

— Aquele dia ela ia com o chapéu e na última hora ela trocou de roupa e pegou o *guarda-sol rosa acetinado*.

— O que aconteceu, diga de uma vez!

— Não sei o que houve no carro, mas ela tentou se defender com toda a força que possuía. Mas, não conseguiu se defender o suficiente daquele monstro.

— O motorista?

— Não. Um assaltante. Edilson havia a deixado na loja e parou por um instante, é o que dizem. Mas, a *ponta do guarda-sol* estava enfiada dentro de sua garganta. E, quando houve gritos de pessoas o motorista dissera aos policiais e aos paramédicos que ao entrar no carro a viu daquele jeito. Ela aguentou firme até você nascer. Depois de uma semana ela não suportou o ferimento. A sua traquéia tinha sido quebrada.

Ao terminar de dizer, parada no tempo, olhando para o nada em sua frente despertou-se com o choro sofrido de seu neto.

Cabisbaixo e com seus olhos umedecidos de lágrimas queria entender como alguém a matou no estado em que ela estava, prestes a dar à luz. Feliz por ser mãe.

— O que aconteceu depois disso, com o motorista?

— Ele foi embora logo depois do funeral.

— Poderia ser ele o assassino?

— Até hoje, meu filho ninguém sabe.

— E, o meu pai? — Por que não se abre comigo? Carrega essa imagem dela e por isso, irá definhando nessa amargura? — Do que adianta ter tudo isso?

— Seu pai sempre presou a fortuna e a boa reputação, mas não acredito que a amargura seja a falta ou a imagem da qual ele viu.

— Do que está falando?

— Ele se fechou para todos porque não tem em *quem* mandar, meu filho. A fortuna que possui, era de sua mãe, mas ela era um capacho dele.

— Do que está falando? — Está falando do seu próprio filho.

— Não importa. Essa manhã, quando olhei nos olhos de sua filha, foi como se uma mão limpasse os meus olhos. Um olhar puro

magnetizado de inocência cruzou os meus. E, tudo que eu sei é que eu não consigo deixar de pensar sobre isso.

Havia se passado *um ano* depois daquela conversa.

A velha guardava enrolado em seu pescoço uma espécie de tubo de cobre bem pequeno com um papel enrolado dentro. Quando se preparava para dormir, todas as noites, desenrolava e olhava como se fosse ler e rasgar. Mas, ao invés de ler, apenas segurava contra o seu peito e chorava.

Madeleine via isso com frequência com a pequena Amélia nos braços. Fechava levemente a porta e a deixava em sua solidão.

Meses a fio testemunhou uma postura desequilibrada por parte de sua parente colateral idosa, mas não queria dizer nada. Seu esposo era neto dela e somente ele poderia averiguar o seu comportamento.

Aquela noite, estranhamente ouviu soluços e não pôde se conter.

— Querido, acorde! Vá vê a sua avó.

Era bem tarde e ele não queria incomoda-la.

— De manhã eu faço isso, ela ficará conosco apenas por um tempo até o meu pai esfriar a cabeça.

Novamente o choro continuou do lado de fora da porta de seu quarto. Levantou-se delicadamente e foi vê-la. O corredor do segundo andar estava escuro, mas na escuridão ouviu o choro de uma pessoa perturbada. Andou até o final lentamente e encostou na maçaneta da porta na virada da escadaria para ter acesso a sua porta.

Forçou suavemente, mas a porta estava trancada.

Respirou fundo e pensou ser a melhor opção a tomar.

— Senhora Beth!

Docemente a chamou por duas vezes, e ninguém abriu.

Um silêncio horrível a tomou de volta e ao invés dela abrir a porta, ela se calou.

Madeleine franziu o cenho e resmungou para si como uma *tola*. — *Todos têm seus problemas, devia deixa-la chorar*. Se sentiu mal com a sua atitude e voltou para a cama arrependida.

Todas as manhãs a velha tomava sol e levava a pequena Amélia para o banho. Mas, ela ainda não tinha descido. Fora procura-la, mas não a encontrou.

A velha Beth apareceu bem na hora do almoço.

— Onde está o meu neto?

— Ele já vai descer, senhora Beth. — Sente-se para almoçar conosco, suponho que não se alimentou ainda.

A velha parecia incomodada e se sentou. Recostou na cadeira alta, se ajeitou.

— Não é da minha conta, senhora Beth. — Quer dizer alguma coisa? — Alguma coisa a incomoda e todos nós sabemos disso.

— Preciso conversar com o meu neto.

— Estou bem aqui, vovó.

Joaquim estava debruçando para dar um beijo em sua bochecha, como sempre fazia.

A velha se esquivou prontamente.

— Onde estava toda a manhã?

— Conversando com o seu pai.

Madeleine a olhou e não disse nada.

Amélia engatinhava por todos os lados e viram que o pequeno tubo de cobre estava vazio, enquanto a pequena menina segurava um pedacinho de papel na mão prestes a mastigar.

A velha olhou e subitamente passou as mãos em seu pescoço e deu um grito desesperado.

Madeleine correu e pegou Amélia que segurava um pedaço de papel todo babado.

A velha pegou ríspida da mão dela e enfiou de volta no tubo e depois a enfiou na corrente.

— Calma, senhora Beth. Isto é só um pedaço de papel.

— Para você minha filha, é só um pedaço de papel. Para mim, não.

Madeleine se lembrou do que vira antes de ir se deitar. Que a velha a segurava contra o seu peito e depois chorava. — *Como posso recuperar aquele pedaço de papel para saber do que se trata?* Pensou.

— Tu do bem. — O que queria me dizer vovó?

— Depois eu decido se quero conversar.

Joaquim olhou de volta para a sua esposa e se sentou.

— Então, vamos almoçar em paz.

Aquele dia inteiro Madeleine pensou em como recuperar aquele pedaço de papel. A velha dormia enrolado nele. Até passou pela sua cabeça em dar alguma erva forte para dormir, assim, ela conseguiria ver e devolver antes dela acordar. Pensou se as coisas continuarem estranhas ela faria isso.

Já era bem tarde, aproximava às onze horas. Vozes e batidas no portão.

— Meu Deus! — Quem será essa hora? —
Vá ver logo, querido ou vai acordar a Amélia.

Joaquim levantou-se e pegou o roupão que estava pendurada no cabideiro. Vestiu-se andando e bocejando. Desceu as escadas rapidamente e se direcionou diretamente à porta.

Passou pelo canteiro de flores e ervas. O cheiro das flores deixava a sua alergia atacada devido ao pólen.

— Quem é?

— Somos da polícia. É o senhor Joaquim?

— Sim. — O que aconteceu?

Os policiais olharam um para o outro e disseram.

— Não existe uma forma adequada para isso, sabemos que é tarde, mas podemos entrar?

— Sim, é claro.

Os três homens o seguiram.

— É uma bela casa.

— Obrigado.

— O que o senhor faz?

— Sou arquiteto.

Naquele momento, eles queriam compreender a sanidade do senhor Joaquim e o seu grau de cooperação.

— Sabemos que é tarde e só queremos que saiba que tomaremos providência.

Madeleine estava esquiva no primeiro degrau segurando a pequena Amélia. Estava apreensiva devido a menina que tinha acordado com todas aquelas vozes, passos e batidas.

— Fale logo, por favor, sem rodeios. — Indagou Joaquim.

— Um homem foi até a delegacia e nos disseram que o seu pai se suicidou. Fomos

verificar e constatamos de que não se trata de um suicídio. Ele foi *assassinado*, senhor Joaquim.

Joaquim despencou-se no sofá que estava abaixo.

— Como assim? — Quem faria isso com ele?

— Ainda não sabemos, mas investigaremos e com certeza, essa pessoa não sairá impune.

A velha Beth desatou a chorar.

— Quem é essa senhora?

— É a minha avó.

Perceberam que nem se deram conta que eles haviam falado da morte do filho dela.

O detetive *William Palangano* se apresentou devidamente e se pôs à frente de sua equipe.

— Boa noite, senhora. Sentimos a sua perda. Daremos início na investigação. Neste momento, tem uma equipe de perícia no local. Peço que aguardem as amostras serem coletadas, para não contaminar a cena do crime.

— Os senhores não disseram suicídio?

— Alguém encenou o suicídio, mas não é.

Ninguém mais dormiu naquela noite. Foram até o hospital, mas recusaram em deixá-los ver antecipadamente. Tiveram que esperar tirarem todas as amostras para a autópsia.

— Vovó, deixe que eu entro.

— Eu quero ver o meu filho. — A voz chorosa era de pavor. — Dê-me licença.

Joaquim e Madeleine ficaram esperando com a pequena Amélia que cochilava no colo.

— Joaquim nós precisamos saber do que se trata aquele papel enrolado no pescoço da sua avó. Eu acho que deve ter alguma coisa bem escondida por trás disso.

— O meu pai morreu e você está insinuando que um *colar arcaico feito de cobre* pode ter alguma coisa? — Não tenho tempo para isso.

Saiu de perto dela ignorando-a indignado por sua ideia de que ela estava se parecendo como uma louca.

Madeleine ficou aturdida por ele nunca a ouvir.

A velha Beth estava chorando e abruptamente parou em frente deles e se

ofereceu em segurar a pequena Amélia para que eles fossem vê-los.

— Fica tranquila, senhora Beth. Está tudo bem. Eu fico com ela. Joaquim vai lá, eu prefiro ficar aqui.

A mãe de Madeleine tinha acabado de chegar com o seu pai.

— Filha! — O que houve? — O que aconteceu com o senhor Afonso?

— Meus pêsames, senhora Beth. — Disse Abelardo.

— Obrigada. Vou lá fora tomar um ar.

— Claro. — Exclamou ele de volta.

Joaquim fora ver o seu pai no necrotério e depois seguiu para cuidar do funeral.

Madeleine o chamou.

— Me diz o que viu.

Joaquim olhou-a e desesperadamente procurou-a por um apoio. Estava fraco e notoriamente embaraçado.

Abelardo o sentou no banco e pediu para a sua esposa buscar um copo de água.

— Meu filho, eu sinto muito. — O que aconteceu?

— Ele está com um buraco no meio da testa. Mas, o atirador dera *mais um* o que implica na hipótese de assassinato. Ele não conseguiria dar o outro tiro.

Abelardo ficou profundamente intrincado com a morte dos seus pais. Sentiu pavor e tristeza pelo rapaz. Oficialmente, ele não poderia contar mais com o apoio do pai em nenhuma ocasião, embora nos últimos anos não foi um pai presente. Soube, que seu genro, *Tomás* foi criado pela avó e o pai nunca se casara, mas em seus *dezenove anos* nunca conseguiu dizer que o amava.

Era uma situação complicada.

Joaquim o amava profundamente e como um filho dedicado não pensava em ofensas, sempre acreditou que o seu pai sofreu e que a vida para ambos poderia ficar mais difícil se ele o culpasse.

Esta foi a sua vida. Ele tinha que se conformar.

E, agora, *essa*, foi o que sobrou dela.

A sala fúnebre estava pronta, algumas horas depois o corpo do seu pai foi liberado para eles velarem.

O caixão de mogno claro estava brilhando na parte horizontal do espaço reservado as suas horas de cautela. Algumas pessoas sentadas ao sul e toda a ala rodeada de rostos tristes e atenuados.

Sua avó a cabeceira do filho num choro calado, sofrido, aturado e reservado. Parecia que a sua dor naquela altura não obstinava a ninguém senão a ela mesma.

A cabeça baixa reprimia os olhos encharcados de lágrimas.

— Pai, o que aconteceu? — Me perdoa por não ter ajudado você!

Joaquim estava perplexo com a desordem que o forçava viver.

Depois de algum tempo, todos pareciam tediados. A pequena Amélia chorava e Madeleine não conseguia parar o seu desespero. Precisava se ausentar um breve momento.

Não disse nada, apenas se retirou até uma ala reservada, indo na toalete.

— Quer que eu a segure um pouco? — Disse a velha Beth.

— Não. Tudo bem.

A velha se retirou.

No sepultamento a difícil realidade aos mortais bate de frente a qualquer coração duro e escondido dos olhos de Deus.

O caixão de mogno claro escurecia a cada centímetro que descia à sua nova morada. O sol escondia por trás de algo poderoso ao mesmo tempo que o seu filho descia ao seio de sua majestosa mãe.

— Meu filho!

A voz rouca e dissipada com os ares distorcidos dos ventos uivou em seus ouvidos, despertando para uma dureza de dores e acordos divinos e profanos de que a própria vida faz os seus reajustes. No final, quem vence é sempre ela, *a morte*.

— Nenhuma mãe deveria enterrar os seus filhos!

A voz insípida a tremia dos pés à cabeça.

Madeleine suportava duramente com a pequena Amélia nos braços e rezava para que aquela dor nunca a consumisse daquela forma.

A angústia da velha Beth a estremecia, e ela apertava com mais rigor a sua filha no colo.

Esquecera por um breve momento, do seu esposo que era o filho do homem que descia a sepultura naquele dia. Sua dor silenciosa a cortava em pedaços por dentro, ela queria poder ajudá-lo, diminuir se possível, aquela sensação. Mas, nada que fizesse não mudaria o fato de que o seu pai naquele dia enfrentou alguém que tirou dele a sua vida.

Por um momento, a velha Beth pediu que os dois homens parassem, que não o deixasse ali sozinho, naquele buraco. Ela pedia e clamava por piedade, mas tudo que eles fizeram fora o seu trabalho. O duro trabalho de enterrar os que partem, e que algum dia, naquele mesmo lugar um dia seria posto.

A cena redecorada em sua frente e posta ali para pensar, foi uma cena que ela queria de todas as formas limpar.

E, varrendo do ar tudo que via não adiantava porque em sua mente o novo plano entrara.

Joaquim arfou ar como se todo aquele tempo tivesse segurado em seu peito. E, quando olhou para o céu viu um novo mundo. Um mundo que permanecia, que viveria e sentiria com todo o apreço de sua alma.

As estrelas continuavam cintilando no céu e como se as bases remontadas dos mortais

não chegassem até lá, para alterar todo o imo do universo. O seu sofrimento pareceu invisível à sua fé. Toda aquela angústia não parecia subir das alturas que os seus olhos alcançavam. Ele baixou a sua cabeça e se sentiu mais pequeno do que era.

Voltar para casa foi a lição mais dura. A sua antiga casa tinha ficado para a solidão. Ao entrar teve a sensação de invadir uma privacidade alheia. E, claramente o invadiu.

Toda a extensão da casa havia uma fita de *atenção* escrita, *não ultrapasse*. Os seus olhos leram, mas a sua mente não havia processado.

Imediatamente, se deu conta de que teria que esperar até que a casa fosse liberada para limpar.

A sensação era de que tinha nascido para outra realidade, não encaixava, não queria estar ali. Estava feliz com a sua vida de antes. Sofrida, sem ouvir que o seu pai o amava, mas que naquela cena anterior ainda pudesse ir ali e ver o seu pai. Mesmo que da boca dele nunca saiu uma boa frase.

Ele tinha que sentir aquilo. Na vida todos sentem. E, ele não era diferente. A vida só tinha pegado um atalho. Imaginava.

Voltou para o seu devido lar. Onde estava a sua esposa, a sua filha e a sua avó.

Definitivamente, ela ia ter que terminar os seus dias de velhice aos seus cuidados, o que não seria uma tarefa fácil, e com todas as esquisitices dela ele não poderia ser egoísta.

Depois de ter ido embora naquele dia o departamento de polícia avisou que seria possível liberar a casa em dois dias. Todo o processo árduo ainda não tinha passado, mas fora preciso encarar todas as etapas, para se desprender e continuar a mesma vida sem meandros. Não havia o que fazer senão sentir com exatidão e depois de ter sido esmagado por tudo que acreditava e por *quem* confiava a sua vida, soube que foi destruído em todos os aspectos, seguiria em frente, tinha que existir uma brecha na qual conseguiria atravessar. Teria que encontrar uma forma de viver.

O tempo passou e *Amélia já havia completado três anos.*

Sua esposa sempre acreditava na hipótese de que a velha Beth sabia mais do que dissimulava.

Madeleine em várias ocasiões presenciou o choro disfarçado em seus olhos, o choro noturno continuava. Ela separou as ervas que faria dormir e na manhã seguinte daria

uma boa porção a velha. Tomaria dela aquele colar e satisfaria a sua dúvida. Pelo menos, nunca mais pensaria sobre aquilo.

Pela manhã, Madeleine percebe que a menina estava brincando com o tubo de cobre, mas também percebe que o arcaico tubo de cobre está vazio. Ela teme que a menina tenha rasgado ou engolido a única prova que poderia possuir.

Sobe desesperada até o quarto da velha e ainda a vê deitada. Estranhamente ela não tinha colocado o seu plano em ação. — *O que teria acontecido? — Estaria morta?*

— Senhora Beth! Chamava com um leve balanço nos pés.

— Senhora Beth!

A velha resmungava e dizia que não estava muito bem. Mas, como se fosse automático a velha ao despertar passou a mão em volta do pescoço e percebeu que a corrente permanecia sem o tubo. Pavorosamente a velha tentou se levantar pedindo que devolvesse o que era seu.

— Eu não sei do que está falando, senhora Beth!

— Devolva o meu tubo de cobre, sua ladra.

Madeleine a olhou e pela primeira vez, soube ver a maldade nos olhos dela.

— Eu não sou isso que a senhora diz. Não roubei nada.

— Está tentando me matar? — Você é uma maldita igual ela.

— Igual ela quem? — A mãe de Joaquim?

A porta bateu e entre o umbral da porta estava ele.

— Como entrou nessa casa? — O que está fazendo aqui?

O pavor em seus olhos era real.

— Não vou deixar você se safar, velha maldita. Dei todos esses anos para você se entregar. E você e o seu querido filho não se entregaram. Agora é tarde demais, a polícia já está vindo.

— Seu medíocre! Você também será preso.

— Não! Eu não! Eu não fiz isso. E você sabe que eu me arrependi até de tê-la ouvido.

— Foi você quem matou o meu filho?

— Sim. E, vim aqui fazer o mesmo com você.

— Então, não deixa de ser um assassino, onde foi parar a arma? Onde foi parar aquele

guarda-sol rosa acetinado maldito? — Vai me matar com ele também?

— Quando eu decidi que não ia fazer o que queria, outra pessoa foi fazer o serviço, e antes que eu chegasse para apanhar a senhora Catarina a velha tinha enviado outro assassino. *Eu não consegui salvá-la. Eu não consegui salvá-la, eu realmente não consegui salvá-la. Eu sinto muito!*

O homem dizia freneticamente contra a parede do quarto.

Àquela altura vários policiais já tinham invadido a casa e ouviram a conversa inteira, sem devaneio.

— Fique onde está? — O senhor está preso!

Madeleine queria correr e proteger a sua filha que tinha ficado no andar de baixo.

Uma policial entrou e pediu para que os paramédicos medissem a senhora Beth e levarem ela também.

— Eu irei preso hoje, mas esse pequeno papel eu tenho que entregar aos policiais. Eu

guardei uma cópia quando enderecei a ela há tantos anos.

De repente, Joaquim parou e olhou o rosto da avó.

— Pode olhar para mim, vovó?

A velha sequer conseguia encara-lo. Além do que estava sentindo.

— Me perdoe, meu filho.

— Por que o ódio? Só queria entender.

Naquele momento, todas as explicações não seriam plausíveis. E, ele tirou do bolso um pedaço de papel amarelado e velho.

— Nunca teve coragem de ler, não é? Ler a sua maldade e fazer a sua cabeça acreditar que não lendo, outras pessoas não saberiam. Mas, o segredo às vezes, não precisa ser partilhado pelo próprio autor.

Não havia nada em sua frente senão um monte de carne perambulando sem remorsos. O choro era por medo de ser descoberta. Apenas isso.

Depois de ter sido medicada, a policial deu ordem de levá-la ao um hospital de doentes mentais para tratá-la.

Mesmo sendo *quem* foi, conseguiu sair meio impune. Um hospital é de longe um lugar mais favorável que uma cela para idosos.

Madeleine enfim, soube o que havia na carta e estava certa o tempo inteiro. Se tivessem lido, o pai de Joaquim teria sido poupado da morte e teria sido *ulgado* e *condenado* pela morte de sua esposa por cumplicidade.

No final das contas, o filho da senhora Beth queria todo o dinheiro e um divórcio não lhe cairia bem. O filho seria um orçamento caro para alguém que não queria custear. A velha Beth planejou a morte da nora com o motorista da família, mas ao invés dele ter feito o serviço ele se recusou. A velha contratou outro assassino e quando ele tinha se ausentado dela aquele dia, tudo estava feito.

Todos os dias e anos ela fora uma boa atriz, atuou bem até na morte do seu filho amado. — *Poderia amá-lo já que o plano de morte seria até para o neto que não tinha vindo ao mundo?* — *Que amor era aquele?*

Se tinha dado errado o seu plano, a melhor forma de encarar a vida com o neto seria usurpar o lugar de Catarina. Usar o seu dinheiro

e por amor ao filho amado esconder o sentimento de ambos.

— Sei que não foi a sua intenção de matar a minha mãe, eu o perdoo. Mas, você tirou a vida do meu pai e esse é um perdão que eu não tenho hoje para doá-lo.

O homem saiu cabisbaixo resmungando.

— *Tudo poderia ser diferente, essa família tinha tudo para ser feliz.*

Mais uma vez, Madeleine sentiu uma forte vontade de proteger a sua filha e agarrada a ela estava uma criança assustada.

Antes de sair pelo portão afora o homem se virou e gritou.

— Faça tudo diferente, refaça a sua vida e cuide da pequena menina que assustadoramente tem os olhos de sua mãe.

A menina estava espantada ao vê-lo e como se o tempo tivesse a trazido em memória ela queria evitar olhá-lo.

Quando o homem fora levado a criança suspirou e perguntou sobre a sua bisavó.

A pequena Amélia se agarrou aos pais e toda aquela angústia passou.

Oficialmente, herdara a fortuna da família Samo. Que era uma nobre parte na qual não sonhara em colocar as mãos tão cedo. Como possuía um bom coração, talvez, deixado de presente de sua mãe sabia exatamente o que fazer. Tinha o seu próprio negócio, era um profissional e em estimar a caridade doaria a mansão para uma *instituição católica*. Só não queria que alterassem o sobrenome de sua mãe. O documento legitimara a sua forma de filantropia, e quando a sua pequena Amélia tivesse idade suficiente poderia estudar na escola e percorrer pelos corredores da casa e conhecer os arredores de onde poderia estar partilhando com a avó.

Nessa boa escolha Amélia cresceu.

Quatro anos passou num passe de mágicas. Aos sete anos ela ingressou a escola *católica de Samo*. Embora, a sua mãe fosse da *antiga religião*, o seu filho tinha compreendido que *Deus estava em tudo e que são as pessoas que separa Deus da religião*.

Amélia brincava correndo com outras crianças e sempre se escondia perto das árvores mais troncudas, a castanheira era a sua preferida, e ficou esperando a sua amiga descobri-la. O *esconde-esconde* sempre a fazia pensar. Quieta, ouviu que fora encontrada, ouviu o barulho e o rastejar de alguém como se as folhas secas fossem jogadas ao vento. Um punhado das folhas foram rodopiadas num redemoinho e viu meio rosto saindo por detrás de um tronco de árvore.

Amélia não reconheceu a mulher, mas também não ficou com medo.

Ficou encarando-a com o rosto meio arcado para baixo.

Ao redor daquela mulher havia poeiras de luz que dissipava para cima e como se houvesse um caminho de cacos de vidro brilhando e sendo levado ao encontro do céu, a menina levantou os olhos para acompanhar. Quando voltou a olhar, nada mais viu senão uma árvore solitária.

Todas as crianças estavam gritando perto da porta norte da casa e a sua amiga estava palmando-a como se ela tivesse dormindo.

— *Te encontrei! — Te encontrei!*

Sem compreender o que fez, Joaquim a levou ao encontro de Catarina. E, sem envolver no que acreditava empurrou a menina na roda do ritual.

Misticamente, o anel de pessoas congelada pelo tempo viajou numa dimensão mais longínqua e a brecha que mantiveram fora para que uma apenas pudesse sair sem ferir os demais. A espiral da vida estava fluindo, e pelo cordão de Amélia retornariam todos juntos.

Catarina sabia que por onde passou apenas as memórias e as visões desse mundo lhe pertenciam, mas não a forma carnal. Havia um lugar na qual poderia contatar aquela criança. Era na *terceira dimensão dos sonhos*. Lá ela estaria segura. Ela poderia mostrar o *caminho da raposa*, um lugar que somente os *encetados* vão. Complexo e perigoso para os mortais, mas glorioso para *quem* consegue achá-lo. E, somente lá se abre os portais na antiga religião. A porta nunca esteve no plano físico, o olho de dentro jamais viria. O mundo dos mortais é um mundo real para todas as espécies de maldade, mas no *mundo da raposa* não entra resquícios da crueldade. Lá, é o mundo na qual a energia flui por *pólos positivos* e se desconecta dos *pólos negativos*. Mesmo assim, as duas correntes de energia fluem a magnitude da *água* e do *fogo*, criando o *éter*.

A menina era um pólo positivo e por ela o cordão se esticaria aos mundos. Ela o

instruiria em sua vida terrena e a levaria em segurança para os lugares nas quais precisaria quando se tornasse uma *mulher*.

Nada, absolutamente nada, poderia acontecer com Amélia. Todos do ritual teriam que ajudá-la para que fossem reencarnados na quarta geração de Amélia.

Quando a sua *tataraneta* tiver uma filha e dessa filha gerar filhos, o fluxo na qual o seu cordão precisa banhar-se estará pronto em recomençar. Então, a junção dessa completude iniciará a ordem do caos em colocá-la na roda da vida. A roda gira e gira numa complexidade perfeita, tão perfeita quanto a origem de tudo.

Para que não exista resíduos e escórias, apenas a reformulação dos planos inacabados em evolução do seu próprio bem.

A vida como uma escola é o lugar onde a alma e não o corpo precisa evoluir. E, ela tinha os seus sonhos. Os sonhos de ser alguém melhor.

Na reencarnação acontece como na maestria da matemática da vida. Não importa o lugar, não altera a energia, isso, se aplica não unicamente ao fator de que ingressar na roda da vida precise ter filhos. O filho seria apenas uma extensão de seu elo entre os mundos. — *Mas, e as pessoas nas quais não tiveram a chance de ter um filho?*

A ingressão seria pelo *elo de energia* da mãe universal. Indo bem em outras camadas de antepassados, uma vez gerado no mundo, jamais perderá o elo original, e através de fragmentos biológicos os elos se fundem na mesma família. Às vezes, como irmãs ou como filhas, experimentando em vários aspectos o *ser* em diferentes escalas. A ordem dos fatores não altera os resultados. O tempo seria o mesmo, só não a forma de ingressão no plano material.

Vale sempre lembrar de que os atos implicam sem memória, mas com fatalidade para a evolução de cada um. Pois, a *face escura da mãe* ensina todos a assumir os seus erros, encarar o seu mais profundo medo, a *morte* e se adaptar numa forma etérea, carregando consigo apenas a mais doce nobreza.

Nos portões simbólicos do paraíso, as almas que assim partem, atravessam sem os seus pertences, *nus vieram, nus vão*. Essa é a lei.

O amor é a chave que *pode* abrir as portas, mas a permissão de entrar depende da espera.

O tempo germina, brota e chega no ponto, e não existe atalho. Tudo que flui está no seu devido tempo, se correr perde a perfeição e passa despercebido as opções valiosas que poderia ter escolhido. Então, olhar de cima, do cume da montanha, e encontrar outras formas

para continuar a busca de toda a vida e os seus mistérios, é se reerguer diante dos obstáculos e seguir em frente. Não há decepções quando o que deparamos nos faz chorar e se entristecer, é a prova de que a vida exige etapas e somente com fases é que aprendemos. A vida não é teórica, ela é tudo acontecendo. É a energia fluindo em constante tempo, e isso, é a forma *real, dramática, legítima e viável* de se aprender.

A face escura da mãe implica cada um entrelaçando a vida que se movimenta, se cria e transforma. E, o parecer do eterno sono na qual Gaia nos abriga.

Mesmo, no silêncio em que eles permanecem e que nos parecem ser intocáveis, a forma de existência em que eles jazem, a forma inversa e que se repele todas as células em divisão, os gritos calados de suas almas clamam por misericórdia.

A mãe negra com a sua espada e a sua peneira ensina o caminho do algoz, ela vai aparando as ervas secas pelas passagens estreitas e traça o labirinto interno da alma, mostrando e agitando o turíbulo para que não se percam.

Ela é doca e feroz, suave e dramática, ela é todos os aspectos, ela é o processo cármico e a detentora dos registros de leis, nas quais a própria consciência o aniquila.

Ela é a memória de toda a vida, a balança que equilibra, o peso que o salva ou o peso que o condena.

Ela é a que induz a energia canalizar ao céu ou ao inferno, a que traz e cura.

A face escura da mãe leva cada um a conhecer o seu próprio inferno, ela o faz descer no mais profundo mar que jaz desconhecido em vida por atos e faz mergulhar em introspecção, para que assim, possa se conhecer, se preparar, se purificar e se sacrificar ao sono da espera, até que todos os seus erros sejam dissipados na névoa do tempo e do perdão.

Sendo cada um a ponte que se conecta do velho ao novo e vice versa, por ciclos. Também cada um se identifica nas fases escuras da mãe. Ao refletir a sua imagem ela o encoraja a perfeição até ter saído da luz, para adentrar a escuridão e fazer parte de seu mundo que permanece puro.

As trevas não escondem nada, apenas o mantém retidos de olhos curiosos, e a ingenuidade ou o medo faz com que cometem erros irreversíveis na vida. Então, no momento oportuno a face escura da mãe reage tirando-lhe o que é mais precioso, *a vida* e barganha a sua entrada em seu mundo de perfeição para que a sua alma seja limpa. Porém, as dívidas ficam guardadas na memória do tempo para

que ao adentrar novamente ao cordão da mãe universal sejam liquidadas.

Não se entra em sua morada sem ser convidado, e não volta ao ciclo sem ser colocado. O sistema biológico se reorganiza perfeitamente até que por sua vez, ele seja empurrado de volta ao ciclo.

Esse tempo, a sua consciência dorme no seio de Gaia e silenciosamente ela o devora.

Amélia Brandon de Samo cresceu.

Se formou no colégio católico como seus pais queriam. Na *década de sessenta* ainda se curvava a ideologia de sua época e a maioria das mulheres se escondiam atrás dos seus companheiros, uma parte dessa sociedade ia em frente, não deixavam que as suas vidas fossem o reflexo de outro. E, a pequena porcentagem dessa sociedade encaixava Amélia. Partiu para cursar *Cosmologia*. Era um degrau exclusivo para uma mulher. Onde conheceria o seu mestre numa área que nem mesmo ela se achava. Na área da *feiticaria*.

De tempos em tempos, um senhor vinha e apanhava-a para levá-la à floresta.

No início, o homem tinha se apresentado como *Nicolas*. Mas, o seu verdadeiro nome era *Geraldo Fontana*. Um homem do submundo, já estava na casa dos *setenta e poucos anos*, beirando os *oitenta anos*. Ele admitia as jovens aos grupos de *treze*.

Amélia conheceu Gilda não da forma tradicional, mas como uma jovem que elas temiam serem descobertas. Pois, seus pais pertenciam a religião católica. Sem saber, é claro, que os pais de Amélia eram flexíveis se fossem interrogados.

Durante todo o tempo de aprendizado, Amélia se manteve secreta, indo aos encontros sabáticos.

E, numa noite de lua cheia sentiu-se completa. Quando conheceu um homem na qual daria início ao empurrão de Catarina. Sua avó paterna.

Benício de Louis a amou naquela noite e ela também.

No *dia das bruxas* iniciou a contagem dos dias na qual Catarina viajaria no cordão novamente por etapas e seguir seu caminho de volta até ser imbuída aos braços de alguém dezenas de anos depois.

*O silêncio é perfeito
Não se pode ouvir
As dores da alma
Em que os impuros gemem
Gaia se alimenta
Devora a sua carne
A face escura da deusa
Esconde os seus medos
Calando-os
A vida por fora continua
A morte por dentro também
A noite escura da alma
Mostra o caminho
Perfeito e intocável
Paisagens noturnas e cambiantes
Que só depois de sepultado
É mostrado verdadeiramente
A consciência grita
A alma chora
A carne apodrece
No seio dela
E, ela ensina
Tudo que precisa aprender
Para chegar ao nono rio
O rio do esquecimento
A tempestade remonta
As mãos afagam
A destemida carne que dilacera
Mas Gaia só quer a energia
Que emana do chacra
Para levá-lo
Tudo é destruído
Até as memórias*

*A dura passagem o assusta
Mas é assim, até para os mais dignos
Porque ela é poderosa
Não porque ela é boa
Mas, porque ela é justa
E a justiça é implacável
Não olha os conceitos
Apenas o seu dever
Porque daquela alma se alimenta
E porque dela tem a necessidade
De ambos
Ela de abrigar
A alma da penalidade
De seus sacrifícios
Mas, ela ainda o encoraja
Apertado em seu seio
Perdido em suas trevas
Temendo por ser um lugar estranho
Frio e assustador
Tudo que vê se perde
Seus gritos ninguém escuta
A voz não é uma melodia
E a melodia não é harmoniosa
Piedosamente, ela diz ao novo
peregrino
— Quer um punhado de paz?
Ela diz a alma que corre
Ao ser que apodrece
Mas o grito de medo não o deixa ouvir
Então ela diz novamente
— Quer ter paz?
A alma que assustadoramente
perambula na escuridão*

*Ouve os seus sussurros
E, cansado de acordar em outros níveis
E, outras camadas
Tentando sair do seu mundo
Compreende, que jamais
Sairá de suas garras poderosas
Da sua teia pegajosa
Da sua entranha
Que estranhamente fora engolido
Então, clama por clemência
Ela mostra o que precisa
Deixa-o por seus próprios medos
Envolve em seu mais profundo seio
E engole de vez, o seu coração
A alma conseguiu a sua primeira
correção
Então, ela volta
E devora as suas memórias
Trazendo-o a paz que tanto almeja
A fagulha de energia segue
E se desconecta
Por um breve tempo.*

A face escura da deusa leva ao aprendizado e
adapta o novo peregrino ao seu mundo!

Copyright © 2022 Claudianne Diaz
Todos os direitos reservados.